



A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA COMO CONDUTA NA INVESTIGAÇÃO DA “MODERNA MATEMÁTICA DOS ANOS 1960”

Joel Gonçalves dos Santos

Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas/Rio Claro

joel.goncalves@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-1987-3894>

Fabiane Mondini

Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas/Rio Claro

fabiane.mondini@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0003-4975-6637>

Resumo:

O presente texto está firmado na intencionalidade de explicitar como recorremos aos ideais da hermenêutica filosófica, empreendida por Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer e Paul Ricoeur, em uma pesquisa de mestrado intitulada de *A Moderna Matemática dos Anos 60: compreensões sobre a presença da demonstração*. Neste propósito, seguimos por uma reflexão que tematiza e relaciona a hermenêutica aos princípios da pesquisa histórica esboçada por Edmund Husserl. Teoricamente existem diversas maneiras de proceder uma investigação histórica; em Husserl tais investigações são dadas num processo retrospectivo, utilizando-se das ideias nucleares presentes na ciência a qual se está tomando como foco da pesquisa. Nesse sentido, e como a tradição — imanente aos temas históricos — pode ser tratada mediante interpretações que fazemos do passado, o projeto de vincular a teoria husserliana aos fundamentos da hermenêutica filosófica se faz conveniente. Declaramos que os estudos aqui explicitados são fruto de uma investigação de cunho qualitativo, concebidos mediante uma abordagem reflexiva/descriptiva, efetuados no âmbito do curso de mestrado em Educação Matemática.

Palavras-chave: Fenomenologia; História; Historicidade; Pesquisa Histórica.

1 Introdução

A hermenêutica por muitos séculos veio sendo utilizada apenas como uma técnica para a interpretação de textos de natureza teológica ou jurídica. Segundo Gadamer (2014, p. 29), sempre houve uma hermenêutica assim, “cujo caráter não era tanto teórico-científico, mas

correspondia e servia muito mais ao procedimento prático do juiz ou do sacerdote instruídos pela ciência”. Contudo, a partir do século XIX ocorre uma ressignificação *filosófica* em seus fundamentos, o que resulta numa forma ontológica e a transforma numa ciência da interpretação, passando a se estender ao todo da vida humana. Essa fase da hermenêutica, cunhada na literatura como *filosófica*, está

presente nos trabalhos de Martin Heidegger (1889-1976), Hans-Georg Gadamer (1900-2002) e Paul Ricœur (1913-2005), que a expõem como abertura mundana, portanto histórica, social e cultural, cujo ato de compreender é entendido como constitutivo dos seres humanos, uma vez que ao existir comprehende-se a si e a sua obra cultural (MONDINI; MOCROSKY; BICUDO, 2016, p. 318-319).

Nós, enquanto pesquisadores em Educação Matemática, consideramos significativo estudar os aspectos de nossa região de inquérito sob o enfoque da hermenêutica *filosófica*, visto não ser apenas um modo de conhecimento, mas “um modo de ser” (RICOEUR, 1988, p. 08). Assim, temos por objetivo com essa comunicação científica explicitar os fundamentos da hermenêutica *filosófica*, empregada em uma pesquisa de mestrado — ainda em andamento — intitulada *A Moderna Matemática dos Anos 60: compreensões sobre a presença da demonstração*. Esclarecemos que a pesquisa está sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) com a premissa de investigar o emprego da demonstração matemática na década de 1960, em face do Movimento da Matemática Moderna (MMM). Os estudos são de cunho qualitativo e abordados segundo a perspectiva da fenomenologia.

Ao abordarmos o estudo orientados pela fenomenologia, significa que procuramos compreendê-lo a partir do “como” a “demonstração” se mostra a nós, em nossa experiência vivida, em disciplinas ou cursos que tratam do tema, em textos que versam sobre o assunto e em nossa prática enquanto pesquisadores na Educação Matemática.

Particularmente, o trabalho projeta-se sobre uma interpretação histórica do ensino de matemática empreendido no século passado, o que nos impeliu à escolha de orientações para a prática histórica combinada às orientações dadas pela vertente *filosófica* da hermenêutica. Nesse sentido a produção histórica presente nas obras de Husserl (1859-1938) se fez como o solo ideal para os nossos objetivos, além de possibilitar avanços em direção à interrogação de pesquisa que elegemos em nosso projeto inicial: *o que a demonstração matemática é nos anos 60 em face do MMM?* Em teoria, este autor afirma que podemos tomar a história em retrospectiva, perfazendo interpretações a partir das ideias nucleares do domínio científico estudado.

2 Considerações sobre a hermenêutica filosófica

Como uma forma de situar a hermenêutica ao longo da história da humanidade podemos proceder caracterizando-a de dois modos distintos, segundo suas manifestações. Em um primeiro momento, numa fase que determinaremos neste texto como *clássica* e que vigorou desde a antiguidade, ela era tida como um conjunto de regras destinada a interpretação de textos; “uma hermenêutica exegética, metódica e normativa” (MONDINI; MOCROSKY; BICUDO, 2016, p. 318). Ao passo que, a partir do século XIX, em uma configuração que indicaremos como *filosófica*, ela “deixa de ser uma ajuda metodológica ou didática para outras disciplinas — ou seja, deixa de se referir apenas à comunicação simbólica e passa a se referir, de modo mais amplo, a toda vida humana” (BATISTA, 2012, p. 106). Faremos maiores considerações a essa sua segunda forma que, em termos de obras, tem seu marco inicial na publicação de *Ser e Tempo*, em 1927, por Martin Heidegger (1889-1976). Este autor toma o que até então era pensado como um método e o transforma em uma ontologia: “a condição mais fundamental de ser/estar no mundo. Isso influencia diretamente a noção (...) de termos como entendimento, interpretação e afirmação” (BATISTA, 2012, p. 106).

Do ponto de vista heideggeriano, o entendimento — ou compreensão — não é estabelecido como um procedimento (método) de leitura, também não parte de uma reflexão crítica. Para ele essa faculdade humana se refere a um modo de ser e é imanente aos seres humanos, o que segundo Batista (2012) pressupõe um saber anterior às teorias, leis ou julgamentos; é um saber pragmático, intuitivo, por meio do qual nos orientamos no mundo. O conceito de interpretação, por sua vez, mantém-se em conexão com a consciência reflexiva e é efetivado por meio dela, evidenciando-se quando algo, “de repente, não funciona a contento, ou seja, quando o fluxo é interrompido e somos forçados a pensar sobre/interpretar o que estamos fazendo ou dizendo” (BATISTA, 2012, p. 106), o que é possível graças à precedência do entendimento em relação a interpretação. Daí, procedem as afirmações, tidas como síntese entre o que se entendeu e interpretou e que fica patente em nossas conjugações, quando expomos os significados e as verdades — mediante a linguagem — do que foi estabelecido na compreensão de algo.

Nesta configuração da hermenêutica ocorre uma ampliação em seu campo de atuação, o que permite a sua operação em situações que não necessariamente se vinculam aos problemas da filologia (o trato com os textos), como afirma Batista (2012). Há uma

apreciação do sentido da vida humana, o que “se aplica imediatamente no plano de uma ontologia do ser finito, para aí encontrar o compreender, já não como um modo de conhecimento, mas como um modo de ser” (RICOEUR, 1988, p. 08). Ainda que haja uma certa coerência com o que se determinou como hermenêutica *clássica*, na *filosófica* a interpretação se dá de modo relacionado às aberturas humanas que não obrigatoriamente dependem de técnicas da exegese.

Também para Gadamer, que na esteira dos teóricos sucede Heidegger, a hermenêutica é tida como uma maneira de ser que é própria dos seres humanos. “Estamos constantemente interpretando, sejam coisas, outras pessoas ou nós mesmos. Para ele, a interpretação se dá a partir de círculos distintos, sendo que a verdade nada mais é do que a fusão de horizontes (ou de círculos), algo consensual, acordado intersubjetivamente” (BATISTA, 2012, p. 106-107). De acordo com a autora, “é um processo dialógico entre o passado e o presente no qual eu exponho minhas pressuposições ao outro, sabendo que essas pressuposições são elas mesmas afetadas durante esse encontro, ou seja, estão suscetíveis a revisões futuras” (BATISTA, 2012, p. 107). O que nos leva a considerar que a atuação mediante os antigos padrões, em que o interprete que “esclarece” ou “elucida” os significados de uma determinada vivência ou texto, colocado à distância, tornou-se sem sentido. “O significado de uma ação ou texto (...) é sempre negociado, consensuado, não pode ser simplesmente ‘descoberto’ (...). Tampouco precisamos nos livrar de nossos preconceitos no ato de interpretação, pois as tradições e os prejulgamentos influenciam quem somos” (BATISTA, 2012, p. 107). Assim, Gadamer desenvolve uma hermenêutica que se desvincilha de uma inteligência guiada pela arte ou por técnicas de interpretação. Em seu texto, *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*, ele expõe seu projeto hermenêutico:

A hermenêutica que se vai desenvolver aqui não é uma doutrina de métodos das ciências do espírito, mas a tentativa de entender o que são na verdade as ciências do espírito para além de sua autoconsciência metodológica, e o que as liga ao conjunto de nossa experiência de mundo. Ao tomarmos a compreensão como objeto de nossa reflexão, não objetivamos uma teoria da arte de compreender, como o queria a hermenêutica tradicional da filologia e da teologia. Uma tal teoria ignora que, em face da verdade do que nos diz a tradição, o formalismo do saber artificial se arroga uma superioridade que é falsa (GADAMER, 2014, p. 31-32).

O autor entende que regras ou procedimentos não podem ser artifícios usados para “controlar” a compreensão, visto ser esta uma condição humana que se dá no arcabouço das vivências, e as vivências no arcabouço da tradição. Esta não pode ser vista como sendo externa aos sujeitos, nem mesmo como estando resguardada numa espécie de depósito do

passado. “Ou seja, o que somos e o modo como compreendemos o mundo dependem, fundamentalmente, das nossas tradições. (...) somente quando nos confrontamos com nossas tradições e preconceitos é que podemos chegar à compreensão do que nos é estranho” (BATISTA, 2012, p. 108). Segundo Ricoeur (1988, p. 28) há uma inter-relação entre tradição e interpretação. Tradição ou “herança”, “não é um pacote fechado que se passa de mão em mão sem o abrir, mas antes um tesouro que tiramos às mãos cheias e que renovamos na própria operação de o esgotar. Toda a tradição vive graças à interpretação; é por este preço que ela dura, isto é, permanece viva”.

Para este terceiro filósofo do tema, o trabalho de interpretação segue-se semelhante à dos seus antecessores, compreendida e estando sempre associada ao hermeneuta; “revele um desígnio profundo, o de vencer uma distância, um afastamento cultural, de tornar o, leitor igual a um texto tornado estranho, e, assim, de incorporar o seu sentido à compreensão presente que um homem pode ter de si mesmo” (RICOEUR, 1988, p. 06). E isto, aliás, nos diz de uma rede de significados que nos conecta uns aos outros e à tradição. “Não se interpreta de nenhuma parte, mas para explicitar, prolongar e assim manter viva a própria tradição na qual nos mantemos” (RICOEUR, 1988, p. 28).

Nos estudos com a pesquisa de mestrado, mencionada na introdução, seguimos essas advertências no tocante a hermenêutica. Ao nos posicionarmos assim, por um procedimento hermenêutico-filosófico significa que fundamentamos a investigação por meio de um ponto de vista que coloca “pesquisador” e “objeto pesquisado” em um único movimento, e mais, em uma junção sujeito-fenômeno. É o reconhecimento, como em Gadamer (2002, p. 507), de que “a hermenêutica filosófica permite ver que o sujeito conhecente está indissoluvelmente unido ao que se lhe abre e se mostra como dotado de sentido”.

3 Hermenêutica, história e historicidade

Em nossa investigação reconhecemos que o nosso plano de estudos está constituído e sé dá por intermédio da história. E foi em sua envergadura que se travou o movimento de interpretação para o desfecho dos estudos, não pela hermenêutica *clássica* que se vale por regras e normativas para o trato com textos, mas por uma *filosófica* que se orienta pela experiência vivida. Inicialmente partimos do definido em Heidegger que admite que “história não significa tanto o ‘passado’ no sentido do que passou, mas também a sua proveniência. O que ‘tem história’ encontra-se inserido num devir (...). O que, desse modo, ‘tem uma história’ pode, ao mesmo tempo, ‘fazer’ história” (HEIDEGGER, 2005, p. 183-184).

Para o autor:

História significa, aqui, um “conjunto de acontecimentos e influências” que atravessa “passado”, “presente” e “futuro”. Aqui o passado não tem primazia. (...) ademais, em oposição à natureza, que também se move “no tempo”, os entes passageiros “do tempo”, isto é, as transformações e destinos dos homens, dos grupos humanos e de sua cultura. Nesse caso, história não significa tanto o acontecer enquanto modo de ser, mas a região daquele ente que se distingue da natureza, no que respeita à determinação essencial da existência do homem como “espírito” e “cultura” (...). Por fim, vale ainda como “histórico” o que é legado na tradição, quer seja conhecido historicamente ou admitido como evidente ou ainda velado em sua proveniência. Resumindo (...) história é o acontecer específico da presença existente que dá no tempo. É esse acontecer que vale, como história, em sentido forte, tanto o “passado” como também o “legado”, que ainda influi na conveniência” (HEIDEGGER, 2005, p. 184).

Por outras vias consideramos a perspectiva histórica esboçada por Husserl, apresentada em estudos realizados por Bicudo (2016), os quais estão expostos no artigo *Sobre a história e historicidade em Edmund Husserl*. A autora, ao tematizar história e historicidade, descreve as principais ideias presentes nas obras do filósofo. Como um dos resultados mais expressivos das análises concebidas pela estudiosa, temos o que se distinguiu por processo retrospectivo. Isto diz de como Husserl se vale das ocorrências e acontecimentos que se desencadeiam no presente e se lança — orientando-se — para as ocorrências do passado. Tal movimento, investigativo, intercorre por meio de um trabalho fenomenológico em termos das ideias nucleares da ciência, tomada como foco de pesquisa. Neste processo leva-se em consideração tanto o que é científico quanto o que é tradição.

Nas palavras da autora,

o que é dado, em termos da ciência, portanto conhecimento teórico e predutivo, o é em termos da tradição, que, por sua vez, traz todo o mundo cultural consigo. O que nos é dado, em termos do exemplo por ele mencionado, o da ciência “Geometria”, está ali, presente em sua imediaticidade posta em termos práticos e teóricos. É como se estivéssemos olhando-a e nos locomovendo em sua superfície, aquela do momento do “agora” em que olhamos interrogadoramente para isso que nos é dado. Assumindo a postura de inquirir intencionalmente, locomovemo-nos para o mais profundo, ou seja, para um agora que se afasta deste, e vamos desnudando camadas de atos sensoriais, psicológicos e espirituais que vieram constituindo esta ciência, tal como nos é dada no presente. Mas este presente é o do mundo-vida em que vivemos, com sua maneira de ser. Ele traz consigo todo o passado cultural e todas as prospecções para um futuro, mas nós o vivemos no agora (BICUDO, 2016, p. 37).

Para Husserl o termo “agora” se refere a um presente vinculado ao “mundo-vida¹”, que é este no qual vivemos, com toda a sua plenitude abrangendo o presente, o passado e os

¹ A palavra alemã *Lebenswelt* quando traduzida para o português aparece de duas formas na literatura acadêmica, como “mundo-vida” ou como “mundo da vida”. Nós utilizaremos o primeiro formato, conforme aparece em

projetos para o futuro. Por ser assim, este “agora” (ou presente), nos traz a possibilidade de nos locomovermos em um horizonte histórico, no qual “podemos, intencionalmente, investigar sua estrutura essencial de modo metódico. Esse inquérito retrospectivo intenciona as origens dos atos evidentes que sempre têm como correlato os materiais primeiros que estão em um mundo cultural pré-científico” (BICUDO, 2016, p. 37-38). Tais atos evidentes chegam até nós por meio da tradição e estão relacionados aos conceitos de intropatia (*Einfühlung*) e linguagem.

Ambos — intropatia (*Einfühlung*) e linguagem — são nucleares à comunicação entre sujeitos e, desse modo, à constituição da esfera da intersubjetividade. São nucleares à condução e manutenção da tradição e, portanto, estão presentes à história e, colocando-se esta como tema, constituem material para a investigação dos atos originais. Ou seja, não podemos proceder à investigação histórica a partir do presente, sem que nos detenhamos nos sentidos e nos significados dos signos, das palavras orais e escritas, da voz como expõe (...) e da visão de mundo, usos e costumes que tecem fios, unindo sujeitos em uma comunidade que se mantém e renova em sua historicidade (BICUDO, 2016, p. 39).

A intropatia diz do conhecimento/reconhecimento do outro que se desenvolve em conjunto e nas vivências travadas com este outro, em sua completude carnal. Tal percepção constitui a intersubjetividade. “Não se trata, assim, de um conceito teórico (...). É uma experiência do outro, empiricamente vivida e colocada (...) fenomenologicamente em *epoché*, de modo que se escavam sentimentos, emoções, intuições, reflexões que são vividos nessa experiência” (BICUDO, 2016, p. 40).

Já a linguagem, considerada em sua forma escrita, é tida como sendo imperecível do ponto de vista de Husserl; nessa condição se mantém como parte constituinte das evidências originais “amalgamadas” nos fatos históricos e no enredo destes. Os encadeamentos lógicos, que hipoteticamente recontam o que nos é dado historicamente, são possibilitados por essa característica da linguagem quando tomada numa determinada análise histórica. “Desse modo, parece que, começando com as auto-evidências primeiras, a genuinidade original se propaga através da cadeia de inferência lógica, não importa quão longa ela seja. (...) Aí se encontra a base do procedimento histórico que retroativamente interroga pela origem” (BICUDO, 2016, p. 41). Em síntese “percorrendo retroativamente essa cadeia lógica da linguagem proposicional, orientados por uma interrogação que, intencionalmente posta,

Bicudo (2016). “O termo pode ser entendido como a espacialidade (modo de sermos no espaço) e a temporalidade (modo de sermos no tempo) em que vivemos com os outros seres humanos e os demais seres vivos e a natureza, bem como com todas as explicações científicas, religiosas e de outras áreas de atividade e de conhecimento humano” (BICUDO, 2011, p. 30).

conduz a investigação, desvelando ideias originais, bem como a constituição de idealizações, podemos efetuar uma pesquisa histórica” (BICUDO, 2016, p. 42).

Retrocedendo ao que dissemos anteriormente sobre a hermenêutica *filosófica* e seus desígnios, temos algumas condições para relacioná-la à produção histórica “husseriana”. Já citamos, por meio da fala de Ricoeur (1988), que a tradição está submetida aos tratamentos interpretativos que fazemos ao estudar o passado. Ela é mantida graças à interpretação, que também se relaciona aos conceitos de intropatia e de linguagem, os quais se constituem em material para a investigação daquilo que abarca os atos originais da história. Ora, ao propormos uma hermenêutica aliada à história temos por intenção estudar o que do passado nos é objetivamente dado, o que por exemplo pode se dar por meio do que designaremos como “artefatos²”. Isso está refletido na busca por uma “proximidade histórica” com o período que desejamos estudar. “O próprio trabalho de interpretação revela um desígnio profundo, o de vencer uma distância, um afastamento cultural, de tornar o leitor igual a um texto tornado estranho, e, assim, de incorporar o seu sentido à compreensão presente” (RICOEUR, 1988, p. 06). Todavia, não se faz suficiente olhar apenas os artefatos históricos pelas suas constituições; é necessária uma inteligência que oriente o entendimento do pesquisador. Deparamo-nos nesse ponto com a possibilidade *filosófica* da hermenêutica.

Como últimos esclarecimentos sobre as pesquisas que viemos desenvolvendo, declaramos que não houve a intenção de ir contrário ao que geralmente se faz em pesquisas históricas. Valente (2007, p. 31), ao explicar o ofício de um historiador diz: “os fatos históricos são constituídos a partir de traços, de rastros deixados no presente pelo passado. Assim, o trabalho do historiador consiste em efetuar um trabalho sobre esses traços para construir os fatos”. Entende-se que um fato resulta de uma elaboração racional mediada pela crítica. Mas isso não quer dizer que a produção histórica consiste apenas pela difusão e explicação de fatos, também não é o “encadeamento deles no tempo, em busca de explicações *a posteriori* (...). Assim, cabe perguntar o que precede o estabelecimento dos fatos? (...) são as questões do historiador, suas hipóteses iniciais. (...) não existem fatos históricos sem questões postas pelo historiador” (VALENTE, 2007, p. 31).

4 procedimentos/etapas para a realização do trabalho

² É um “objeto produzido, no todo ou em parte, pela arte ou por qualquer atividade humana, na medida em que se distingue do objeto natural, produzido pelo acaso (...). Para ser reconhecido como tal, o [artefato] deve manifestar a intenção, preexistente à sua construção, de utilizá-lo com finalidade determinada, ou seja, deve constituir a realização de um projeto” (ABBAGNANO, 2007, p. 82-83).

As investigações aqui realizadas são de cunho qualitativo, concebidas mediante uma abordagem reflexiva/descritiva. Destacamos que não nos permitimos iniciar por métodos prévios e nem por referenciais teóricos predeterminados, mas, iniciamos com o fenômeno da “hermenêutica filosófica para a conduta de pesquisas históricas”, relacionando as teorias de autores como Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer e Paul Ricœur às de Husserl, no que dizem respeito à hermenêutica filosófica e à produção histórica. Portanto, esse texto trata-se de um estudo hermenêutico que procura compreender a produção histórica por meio da teoria husserliana combinada a hermenêutica filosófica.

5 Considerações finais

Em nossas investigações com a pesquisa de mestrado procuramos compreender o ensino de matemática proposto no Movimento da Matemática Moderna (MMM) — década de 1960. Por ser um estudo de aspecto histórico, reconhecemos como em Gadamer (2014, p. 394) que o conhecimento objetivo desse período “só pode ser alcançado a partir de uma certa distância histórica. É verdade que o que está numa coisa, o conteúdo que lhe é próprio, somente se divisa a partir da distância em relação a atualidade, surgida de circunstâncias efêmeras”. Realizar uma possível leitura de um processo histórico, por meio de seu distanciamento com relação às opiniões objetivas que dominam o presente, é até certo ponto uma condição positiva para a compreensão histórica. Mas a distância histórica parece nos favorecer mais no surgimento de estranhamentos acerca do que estamos estudando do passado. Por isso nos valemos da hermenêutica como forma de alcançar o que chamamos de “proximidade histórica”. Com isso não esperamos nos “livrar” das “amarras” que nos prendem no presente, pelo contrário, comprehende-se no agora a ocorrência passada. Ao procedermos assim, não significa que procuramos alcançar melhores entendimentos sobre os fatos estudados, “na verdade, compreender não é compreender melhor, nem sequer no sentido de possuir um melhor conhecimento sobre a coisa (...). Basta dizer que, *quando se logra compreender, comprehende-se de um modo diferente*” (GADAMER, 2014, p. 392).

Por fim, expomos, através deste texto, nossas compreensões sobre a produção histórica, empreendida por meio de uma abordagem filosófica como destacada na obra de Husserl. Aqui, a história é possibilitada por meio de desdobramentos que estão entrelaçados aos atos da consciência e da constituição intersubjetiva, que por vezes nos viabilizam o entendimento da tradição e estão relacionados aos conceitos de intropatia e linguagem.

6 Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2021/02911-7.

Referências

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. Tradução de Alfredo Bosi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BATISTA, Micheline. Hermenêutica filosófica e o debate Gadamer-Habermas. **Crítica e sociedade**, v. 2, n. 1, p. 101-118, 2012.

BICUDO, M. A. V. Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica. In: BICUDO, M. A. V (Org.). **Pesquisa qualitativa**: segundo a visão fenomenológica. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p.29-40.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre história e historicidade em Edmund Husserl. **Cadernos da EMARF**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 21-48, 2016.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II**: complementos e índice. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo (Parte II)**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MONDINI, Fabiane; MOCROSKY, Luciane Ferreira; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A hermenêutica em educação matemática: compreensões e possibilidades. **Revista Eletrônica de Educação Matemática**, v. 12, n. 1, p. 1-10, 2016.

RICOEUR, Paul. **O Conflito das Interpretações**. Tradução de M. F. Sá Correia. Porto-Portugal: Rés-editora, 1988.

VALENTE, Wagner Rodrigues. História da Educação Matemática: interrogações metodológicas. **Revista Eletrônica de Educação Matemática**, v. 2, n. 1, p. 28-49, 2007.